

Economistas são contra confisco

O caráter explosivo da dívida interna do setor público, que vem crescendo com uma velocidade vertiginosa, superou a preocupação com a dívida externa no debate com os economistas Paulo Nogueira Batista (FGV), João Paulo de Almeida Magalhães (UFRJ), Paulo Sandroni, do PT, o ex-ministro Ernane Galvêas e o economista Edmar Bacha na Casa do Economista, no Rio de Janeiro. Mas todos eles são contra o confisco.

Sandroni advertiu que não se pode tratar com choque ou ameaça a dívida interna, porque provocaria um desequilíbrio no mercado financeiro. Por isso mesmo, a política de juros elevados tem de continuar, defendeu ele. A má administração da dívida interna pode levar o país rapidamente para a hiperinflação e o caos econômico, alertou Galvêas.

Para Sandroni, há muito o que fazer pelo lado da Receita Federal aprimorando-se a máquina de arrecadação para impedir a evasão fiscal e reduzindo-se subsídios. Segundos dados apresentados por Paulo Nogueira Batista Jr., somente os subsídios e os incentivos à exportação de manufaturados foram de 50% do valor destas exportações em cada um dos três últimos anos. Ele lembrou que em março deste ano totalizava o equivalente a US\$ 92 bilhões, superando a dívida externa contraída pelo setor público que era de US\$ 81 bilhões, em dezembro.

Bacha lembrou que é a primeira vez que a dívida interna do setor público supera a dívida externa contraída pelos municípios, estados e estatais. Segundo ele, parte desta dívida pode ser explicada pelo sistema de conversão da dívida em investimento. "Em 88, os gastos com programa de conversão da custaram US\$ 5,3 bilhões. Considero isso estupidez." Ele sugere a criação de um fundo em dólar, avaliado em US\$ 10 bilhões, resgatável em vinte anos com remuneração de acordo com a libor mais a desvalorização cambial.